

Fogo expõe riscos no Instituto de Educação

■ INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Fogo em sala de arquivos espalha pânico entre alunos, professores e funcionários do edifício tombado há 40 anos pelo patrimônio histórico, mas com problemas estruturais

Incêndio serve de alerta para falta de manutenção

Bel Ferraz, Leandro Couri, Maicon Costa e Sílvia Pires

O incêndio que atingiu o prédio do Instituto de Educação de Minas Gerais (Iemg), na manhã de ontem, é um sinal de alerta para a segurança e a falta de manutenção da edificação, que há anos cobra recursos para conservação do espaço, tombado pelo patrimônio histórico em 1982. Funcionários e alunos da escola, localizada no Baturo Funcionários, Região Centro-Sul de Belo Horizonte, questionam a falta de equipamentos anti-incêndio no local. Sem alarme eles precisaram gritar pelos corredores para alertar sobre as chamas. Pelo menos 44 pessoas, entre alunos e funcionários, foram parar no Hospital de Pronto-Socorro João XXIII por causa da fumaça inalada. A causa do incêndio está sendo investigada. Ontem à noite, um menor admitiu à polícia que provocou o fogo sem querer ao jogar uma guimba de cigarro sobre plástico na sala onde começou o incêndio.

Elizângela Porto Pereira, de 42 anos, assistente técnica de educação básica no Iemg, informou que os próprios alunos apontaram o fogo e avisaram aos professores, que começaram a evacuação do prédio. "De imediato, nós fomos com o extintor, só que a fumaça alastrou muito rápido e então a gente pediu aos alunos para sair", contou. Ela acredita que todas as escolas deveriam ter um técnico em segurança do trabalho. "Nas empresas acima de tantos funcionários não tem que ter uma pessoa responsável pela segurança? Então, por que nas escolas não, se tem vários funcionários? Deveria ter também treinamento para os alunos, ter uma brigada de incêndio, um lugar seguro para os alunos nesse tipo de situação", desabafou.

Segundo o Corpo de Bombeiros, o fogo começou na sala de arquivos, a última do primeiro andar, no fundo do prédio. A fumaça foi vista de longe. O local atingido foi o primeiro pavimento do Instituto de Educação. As causas do incêndio ainda não temos, mas no local tinha muito material combustível, como cadeiras e mesas", informou Fabricio Eduardo Dallfor, capitão dos bombeiros à reportagem do Estado de Minas . A corporação informou que o Iemg está em processo de regularização em relação às medidas de segurança contra incêndio e pânico para o seu funcionamento. O órgão destacou ainda que a edificação tem projeto aprovado e os ajustes ainda estavam sendo feitos, o que não impede o funcionamento.

Procurada pela reportagem, a Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) informou que acompanha de perto a situação e presta todo o apoio à comunidade escolar. O órgão ressaltou que todos os estudantes e servidores foram evacuados em segurança do prédio e ninguém se feriu gravemente. A pericia para identificar as causas do incêndio

66
Uma edificação com essa envergadura e essa sofisticação precisa, como qualquer outro patrimônio, de cuidado e reparo, que vão muito além da mera adaptação em situações emergenciais. Até mesmo para que possa ser preservado com mais qualidade"

■ Céliana Borges Lemos, arquiteta e urbanista, professora da Escola de Arquitetura da UFMG

dio será realizada pela Polícia Civil. Os danos estruturais ainda serão mensurados. Uma equipe do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) também esteve no local para avaliar a estrutura e o que precisará ser feito. As aulas foram suspensas até a garantia do retorno de funcionários e alunos com segurança.

Na avaliação da arquiteta e urbanista Céliana Borges Lemos, professora da Escola de Arquitetura da UFMG, o incêndio de ontem é um grito de socorro de um prédio que clama pela preservação para que seu legado arquitetônico não se perca. "Ele nasceu nessa região mais privilegiada, do primeiro desenho urbano da nova capital. Para além da vocação imaterial de receber, abrigar e formar alunos em BH, o prédio também traz esse vislumbre de uma capital moderna, que ainda estava se formando", avalia. Com a mesma idade de Belo Horizonte, 125 anos, o edifício é testemunha de parte significativa da história da cidade. O prédio foi construído em 1897, projetado pelo arquiteto Edgar Nascimentos Coelho para abrigar o Ginásio Mineiro e se tornaria o Palácio do Príncipe para nova capital. "Em estilo eclético, ele traz elementos arquitetônicos e ornamentais da tradição neoclássica europeia", detalha Céliana.

Entre 1906 e 1930, o prédio passou por expressivas reformas, sem descaracterizar a estrutura original. A fachada, já eclética, ganhou um novo monumento, estrutura que cobre a entrada de edifícios, palácios e templos. O pórtico foi estruturado com colunas de dupla altura. Além disso, as janelas foram sobrepostas às portas de acesso. "Permanece esse ecletismo, mas agora com ares de palácio tal qual as secretarias de BH, à época abrigadas na Praça da Liberdade", descreve a arquiteta. Além do conjunto arquitetônico, os jardins compõem outro detalhe artístico da construção, também inspirados na tradição europeia. "Há um enobrecimento do edifício com



Mais de 40 pessoas foram levadas para o HPS João XXIII por causa da fumaça inalada no prédio do Iemg



Os próprios estudantes alertaram para o início do incêndio no Iemg, na manhã de ontem

esses jardins", lembra Céliana. Em 1982, o prédio foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha-MG) com inscrição nos livros tomo de belas artes e tomo histórico.

Atualmente, a escola atende cerca de 2 mil alunos do ensino fundamental, ensino médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com vocação educacional, o edifício já abrigou, em 1909, a Escola Normal de Belo Horizonte. As reformas da educação na época demandavam uma maior formação de professores para o ensino primário. Em 1910, o local foi transformado em Escola Normal Modelo, voltada à preparação de moças da sociedade belohorizontina para o magistério. "Seus espaços são uma referência para a cidade, ele se torna um dos edifícios mais importantes até mesmo para o estado e de uma força identitária muito grande. É

um lugar de educação, do coletivo e do privado, muitas vezes, se sobrepõem", comenta a arquiteta e urbanista.

■ RESTAURAÇÃO FRUSTRADA

Apesar do passado histórico, o instituto sofre com a destruição pelo tempo e diversos problemas estruturais, como paredes descascando, janelas danificadas e pisos soltos. Em 2019, um projeto de restauração, orçado em R\$ 25 milhões, deveria ter garantido uma série de melhorias na estrutura. A verba recebida, porém, não chegou a 10% do total necessário para a manutenção. As próprias características arquitetônicas do edifício elevam o custo de manutenção da estrutura. "Uma edificação com essa envergadura e essa sofisticação precisa, como qualquer outro patrimônio, de cuidado e reparo,

que vai muito além da mera adaptação em situações emergenciais. Até mesmo para que ele possa ser preservado com mais qualidade", ressalta Céliana.

Para driblar os desafios do alto custo de conservação do espaço, a professora da UFMG sugere parcerias com instituições privadas e facultades de arquitetura. "São alguns caminhos que temos visto com sucesso em várias regiões do Brasil. A parceria com facultades, por exemplo, pode contribuir com um estudo mais aprofundado de todas as carências do edifício, e estratégias para a recuperação e requalificação da estrutura", propõe. Na avaliação de Céliana, os moradores de BH também precisam ser incluídos no debate. "Criar essa sequência de investimentos a partir da própria identificação do belo-horizontino com o espaço, que é seu patrimônio e guarda muito da memória da cidade", afirma.

Guimba seria causa do fogo

CLARA MARIZ

Uma guimba de cigarro teria causado o incêndio que atingiu o Instituto Estadual de Educação de Minas Gerais, em Belo Horizonte, na manhã de ontem. O adolescente suspeito tem 16 anos e não teria aguentado a pressão diante da repercussão do caso, acionado a polícia e confessado o crime. É o que informou o tenente Marcelo Luiz Soares, do 18º Batalhão de Polícia Militar, em entrevista ontem à noite. O menor ficou com peso na consciência quando a mãe soube da situação e por causa disso decidiu ligar no 190 pedindo que uma viatura fosse até a casa da família, segundo o tenente. Ele está apreendido para apuração do caso.

"Chegando lá, nós conversamos e ele esclareceu que o fato teria ocorrido da seguinte forma: ele e um outro menor, de 13 anos, teriam entrado em uma sala de aula com mesas e cadeiras cobertas por um plástico e feito o uso de um cigarro. Quando terminaram, a guimba teria sido jogada no plástico, que caiu sobre as mesas e carteiras. Depois o jovem disse que pegou um isqueiro e passou pelo plástico", explicou o militar.

Apesar do incêndio, o jovem afirmou à polícia que não teve nenhuma intenção. Apenas 10 minutos após retornarem para a aula é que o outro notaram a fumaça. Ainda segundo o tenente, a mãe do adolescente está muito abalada e surpresa, mas acompanhando a ocorrência e não compactua com a atitude do filho, inclusive o orientou a ligar para a polícia. A ocorrência foi encaminhada para a 6ª Delegacia de Plantão e o jovem deve ser ouvido pelo delegado.

66
Nas empresas acima de tantos funcionários não tem que ter uma pessoa responsável pela segurança? Então, por que nas escolas não, se tem vários funcionários? Deveria ter também treinamento para os alunos, ter uma brigada de incêndio, um lugar seguro para os alunos nesse tipo de situação"

■ Elizângela Porto Pereira, assistente técnica de educação básica no Instituto de Educação de Minas Gerais (Iemg)

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 11